

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE  
CURSO DE PEDAGOGIA - FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES  
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

ANA PAULA DA SILVA  
CLÁUDIA MARIA DA SILVA BARROS

A SOCIOLINGÜÍSTICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: INFLUÊNCIAS DA  
FALA NA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA

Brasília, 2006

ANA PAULA DA SILVA  
CLÁUDIA MARIA DA SILVA BARROS

A SOCIOLINGÜÍSTICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: INFLUÊNCIAS DA  
FALA NA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília - UniCEUB – como parte das exigências para a conclusão do Curso de Pedagogia – Formação de Professores Para as Series Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10.

Orientador: Antônio Cezar Nascimento de Brito

Brasília, 2006.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos familiares e amigos que torceram e ajudaram com seu incentivo e estímulo nos momentos difíceis e comemoraram junto a cada pequena batalha vencida, até o presente momento de juntos comemorarmos a grande vitória; aos mestres que com seus ensinamentos nos possibilitaram chegar até aqui:

E, com muita reverência, de forma primeira e principal, a Deus, princípio de tudo, razão de tudo, e grande responsável pela realização, não sem luta, mas com muita garra, desse sonho de concluirmos essa importante etapa de nossas vidas.

## DEDICATÓRIA

Esse trabalho é dedicado aos meus pais que com todo o amor e carinho me instruíram a seguir um caminho de retidão, gratidão a Deus e garra para conquistar os meus objetivos, por mais que esses parecessem impossíveis, me mostrando que tudo é possível àqueles que acreditam em Deus.

## RESUMO

Pesquisa realizada com a intenção de observar, compreender e analisar a influências da fala no processo de aquisição da língua escrita que se dá durante os primeiros anos de alfabetização, utilizando-se para isso de pesquisa bibliográfica, entrevista e atividades de observação, aplicadas com alunos de turmas de 1ª e 2ª séries do ensino fundamental de uma escola pública do DF, onde se observou que a oralidade tem grande relevância na aquisição do código escrito, podendo tornar-se um obstáculo se não compreendida de forma adequada, consistindo portanto em uma questão que exige do professor muita dedicação e observação, a fim de que este possa apresentar-se como um aliado do educando no processo de ensino aprendizagem.

Palavras –chave :Observação; compreensão; aprendizagem.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO-----	6
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-----	8
2.1	DIFICULDADES ENCONTRADAS PELA CRIANÇA NA ALFABETIZAÇÃO-----	8
2.2	TRATAMENTO DADO À FALA DO ALUNO DURANTE A ALFABETIZAÇÃO-----	9
2.3	MARCAS DA ORALIDADE PRESENTES NA ESCRITA-----	12
3	ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS-----	14
4	ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS--	17
	CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	21
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	23
	APÊNDICES -----	24
	ANEXOS-----	28

## 1. INTRODUÇÃO

O tema escolhido para o presente trabalho foi a sociolinguística no processo de alfabetização: influência da fala na aquisição da língua escrita. Tal tema foi escolhido devido ao interesse de observar e compreender melhor como se apresenta a oralidade dentro do processo de alfabetização, dificuldades e facilidades encontradas pelos alunos na compreensão do código escrito como representação da língua falada.

A língua constitui-se em um espaço de muitas possibilidades, além de um campo fértil de pesquisas.

No campo da alfabetização a influência dos fenômenos sociais da linguagem é notável e é preciso que o educador compreenda em que medida tal influência interfere na forma como o educando compreende a língua e internaliza seus mecanismos.

A discussão desse assunto trata da heterogeneidade da linguagem e esclarece muitas dúvidas do uso da fala, permitindo que o professor possa orientar, de forma mais sistemática, a construção da escrita pelos alunos o que acontecerá de forma menos traumatizante, pois haverá compreensão do processo. Torna-se bem mais simples auxiliar quando se compreende qual o fenômeno ocorrido.

Que metodologias de ensino utilizar para que o educando entenda que nem sempre escrevemos do jeito que falamos?

Qual a influência da sociolinguística na alfabetização e como trabalhar esta influência para uma melhor aprendizagem?

Essas questões, uma vez respondidas, norteiam o trabalho do educador, facilitando no processo de ensino aprendizagem.

Esse trabalho de pesquisa tem por interesse identificar os fenômenos linguísticos, característicos da fala, que influenciam no aprendizado da escrita, além de trabalhar a linguagem em suas várias concepções: linguística, cultural, social e interacional, destacando que uma mesma coisa possa ser dita de formas diferentes dependendo da comunidade de fala e que essas maneiras não são erradas, mas diferentes, fazem parte da variedade linguística, e, ainda compreender como se dá a aquisição do código escrito pelas crianças e qual a importância dessa compreensão no processo de alfabetização.

Compreendendo esses fatores, tal pesquisa pretende servir de fonte para que educadores e estudiosos da educação passem ter uma maior orientação de como lidar com a influência das variações lingüísticas.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. DIFICULDADES ENCONTRADAS PELA CRIANÇA NA ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização constitui-se para as crianças um processo naturalmente dificultoso devido a todas as particularidades que a mesma apresenta. Ao iniciar seu processo de letramento o educando tem de compreender uma série de relações existentes entre, como menciona Mirian Lemle (1995), “pequenos rabiscos pretos” em uma folha de papel e os sons da fala, além de precisar ter uma percepção consideravelmente apurada, uma vez que símbolos muito semelhantes podem indicar sons diferentes e o mesmo símbolo pode indicar mais de um som.

Para complicar ainda mais esse processo, a criança se depara na escola com uma língua que ela não utiliza e muitas vezes nem ao menos conhece, a norma padrão. Pior que isso é quando o educador erroneamente desvaloriza a língua que essa criança conhece e utiliza em seu cotidiano, colocando essa linguagem como errada, feia e pobre. Desvalorizar o modo de falar de uma pessoa é o mesmo que desvalorizar a própria pessoa. Irene, personagem do livro *A Língua de Eulália* de Marcos Bagno faz o seguinte comentário:

[...] a língua que uma pessoa fala, a língua que ela aprendeu com sua família e com sua comunidade, a língua que ela usa para falar consigo mesma, para pensar, para expressar seus sentimentos e suas emoções, faz parte da *identidade* dessa pessoa, é portanto como se fosse a pessoa mesma... (BAGNO, 1997, p. 188).

Dessa forma, ao desconsiderar o modo de falar dos alunos retiramos deles sua própria identidade.

Para a criança é difícil a compreensão de que, como diz Pinheiro (1994), o fato de palavras serem regulares em termos de correspondência entre sons e letras (direção do processamento na leitura) não signifique que a sua grafia possa ser necessariamente inferida de sua pronúncia, ou seja, no sentido do som para a letra (direção do processo na escrita). Enquanto a leitura de algumas palavras possa transcorrer sem problemas, sua escrita poderá apresentar dificuldades. Esta autora comenta:

... Dessa forma, enquanto a leitura de roceiro, gente e céu, por exemplo, pode ser feita sem problemas, a escrita dessas palavras pode ser problemática devido à possibilidade de uso de letras alternativas que representam o som em questão. Assim, o /s/ em roceiro, ou seja, em contexto intervocálico antes de e e i, pode ser também representado na ortografia do português por ss (pássaro), ou sc (desce). (PINHEIRO, 1994, p.74).

Essa complexidade do sistema escrito causa grande estranheza para os educandos, principalmente para aqueles que tem pouco contato com a escrita antes de freqüentarem a escola. Para tornar ainda pior esta situação, as crianças são submetidas a situações de escrita que lhes parecem inúteis e insignificantes. Para aquelas crianças que vivem em meio letrado a escrita terá um valor muito diferente do que terá para aquelas cuja atividade de escrita se resume a assinatura do nome ou outras poucas situações. Luiz Carlos Cagliari, preocupa-se muito com essa interferência social no processo de letramento, o que parece ser imprescindível que se considere, pois só conhecendo os alunos e sua realidade o professor estará preparado para intervir de forma efetiva e eficaz no processo de ensino aprendizagem, tornando-o mais simples e agradável. Esse autor faz a seguinte colocação:

... alfabetizar grupos sociais que encaram a escrita como uma simples garantia de sobrevivência na sociedade e diferente de alfabetizar grupos sociais que acham que a escrita, além de necessária, é uma forma de expressão individual de arte, de passatempo.  
Em escolas de periferia, alguns alunos não participam com empenho do aprendizado da escrita, por que acham que a escola faz o que não lhes interessa e deixa de fazer o que seria útil para eles. A professora pode, logo no início do ano, fazer um levantamento junto às classes para saber de suas aspirações e de sua situação lingüística, incluindo, é claro, questões muito específicas sobre o que representa a escrita para as crianças, para que serve, como os adultos usam, quando e o que se deve escrever, etc. (CAGLIARI, 2003, p.101).

Deve-se buscar sanar essas dificuldades a fim de que possa ocorrer um aprendizado efetivo. As crianças precisam compreender as atividades de escrita como algo agradável e proveitoso, tendo respeitado seu ritmo de aprendizagem e compreensão dessas dificuldades que a língua escrita apresenta.

## **2.2 TRATAMENTO DADO À FALA DO ALUNO DURANTE A ALFABETIZAÇÃO**

Como já foi falado, o educando ao entrar na escola depara-se muitas vezes com uma língua que ele não conhece e que servirá de base para todas suas atividades de escrita em contexto escolar, a língua padrão. Esse aluno terá que conviver então não apenas com todas as dificuldades próprias do processo de aprendizagem da escrita, mas com uma linguagem nova, o que o fará entrar em conflito, sobretudo se o professor não tiver o preparo necessário para lidar com esta questão, ou seja, se este não souber encaminhar o processo de conhecimento da variação padrão da língua de forma natural.

Faz-se necessário que os professores compreendam que o falar de seus alunos nada tem de errado, embora estejam em desacordo com a norma padrão de nossa gramática. Todo falante nato de uma língua é competente para utilizá-la, seguindo muitas vezes à regras lógicas mais coerentes que aquelas que a gramática normativa utiliza, e as tendências naturais da língua que encontram na assimilação, na analogia e no enxugamento suas justificativas.

Com base nisso, percebe-se a importância que existe de o educador ter conhecimento dos fatores que influenciam no falar dos discentes, e portanto, em sua escrita. Um professor que não tenha tais conhecimentos pode confundir-se e considerar erradas certas construções de seus alunos baseadas em seu modo de falar que, como se sabe, nem sempre seguirá aos rigores da língua escrita. Ao escrever é necessário seguir uma série de regras que na oralidade são supérfluas. Considerando a influência que a fala possui na escrita durante a alfabetização, não serão observados os rigores que exige a língua escrita uma vez que a criança imagina que a comunicação possa ser perfeita nesta empregando-se o modo utilizado em sua fala. A mesma personagem de Bagno, já citada anteriormente, ilustra bem essa despreocupação e a compreensão de que, se uma construção foi eficiente em um contexto, deverá ser em todos os outros:

O falante porém quer falar e ponto. Se em uma determinada construção deu certo, funcionou, cumpriu sua missão num determinado enunciado, não há razão para que não funcione novamente em outros enunciados semelhantes. (BAGNO, 1997, p. 187).

Percebe-se então que o melhor caminho é não desconsiderar a linguagem do aluno, mas utilizá-la como ponto de partida para seu aprendizado das normas da língua padrão que a escola utiliza. É bom lembrar que não deve ser a intenção do educador mudar o modo de falar de seus alunos, mas permitir que eles conheçam as diversas modalidades lingüísticas e sejam competentes para selecionar o momento certo de utilizar cada uma delas, afinal, como já foi falado, não existe modo certo ou errado de falar, mas modos diferentes de utilização da língua.

Ver considerado na escola seu modo próprio de falar, ser sensibilizado para a aceitação da variedade lingüística que flui da boca do outro, saber escolher a variedade adequada a cada situação estes são os ideais da formação lingüística do cidadão numa sociedade democrática. (CASTILHO, 1998, P.21).

Essa valorização ou desvalorização do falar do educando poderá despertar em si um sentimento de importância ou contribuir para que o mesmo desenvolva uma baixa auto-estima, dificultando assim o processo de ensino aprendizagem, isso porque a afetividade desempenha papel muito importante para o desenvolvimento humano. Na puberdade, por exemplo, a relevância da afetividade é muito grande, pois se começa a ter contato com condutas que colocam exigências de respeito recíproco, justiça, igualdade de direitos, etc. É um momento em que a opinião de outros é muito considerada e uma desvalorização de sua linguagem, ou como ressalta Bagno, sua “identidade”, pode ter efeitos catastróficos.

Durante o processo de alfabetização as crianças desenvolvem inúmeras hipóteses a respeito da escrita, estas serão futuramente comprovadas ou rejeitadas. Uma dessas hipóteses, a da relação biunívoca entre sons e letras, causa muita confusão para o aluno durante o processo de alfabetização pois é difícil saber qual letra usar em cada contexto uma vez que nem sempre as letras representarão o som pronunciado na fala.

Quando o falar do educando é muito diferenciado da língua padrão essa dificuldade torna-se ainda maior visto que haverá ainda mais situações em que esta divergência se fará presente. Caso o professor não tenha compreensão desse fator ou, ainda, se o mesmo se deixar guiar por seus preconceitos considerando a linguagem de seu aluno errada, não será possível fazer intervenções capazes de

auxiliar os alunos a construírem um conhecimento sólido a respeito dos mecanismos de escrita.

### 2.3. MARCAS DA ORALIDADE PRESENTES NA ESCRITA.

Ao escrever as crianças buscam representar o que falam e, levadas pela idéia de que há uma correspondência biunívoca entre sons e letras, cometem desvios de ortografia.

A gramática da língua portuguesa traz uma série de situações onde sons diferentes aparecem representados por uma mesma letra, mas ao “ensinar” ao alfabetizando que som esta mesma letra representa mostra-se apenas uma das possibilidades. É o que acontece com as vogais. Ao ensinar aos alunos o som da letra e diz-se /e/, mas sabe-se que esta letra também marca outros fonemas. Surgem daí dificuldades de escrever palavras como escada [iskada] e aquele [akeli], que, notadamente, possuem uma escrita diferente dos sons pronunciados na fala, a letra e, neste caso, representa o som [i].

As marcas da oralidade aparecem não apenas nos chamados “erros ortográficos”, mas também na forma como o alfabetizando escreve certas seqüências de palavras. Veja o que diz Cagliari:

À séculos se tem notado um fenômeno fonético típico do português de Portugal e acontece até hoje no português do Brasil. Algumas vogais, ou as vezes até sílabas inteiras, sobretudo em final de palavras diante de pausa, se caracterizam por uma fonação sussurrada, em vez de vozeadas (sonora). Por exemplo, alguém diz:

Eu fui para casa.  
[eu fui parakaza]  
ele quebrou o pote.  
[elikebroupoti]

[za] é uma sílaba sussurrada e [i] é uma vogal sussurrada. Como a escola tem o hábito de soletrar as palavras a todo instante, é claro que dessa forma não existem sons sussurrados. Então a professora corrige o aluno dizendo que ele não está lendo ou falando direito, por que está “comendo o final das palavras”. Contudo, até os próprios professores “comem” vogais ou sílabas na fala corrente. (Cagliari, 2003, p. 60).

Percebe-se que a fala natural, mesmo de pessoas que utilizam a norma padrão, traz em si traços marcantes que podem confundir o alfabetizando. Se durante o contexto de fala a criança pronuncia algumas palavras com a supressão de alguma

vogal ou sílaba, por que representá-las na escrita? Ou ainda, se durante a pronúncia as palavras saem emendadas, por que separá-las ao passar para o papel?

Quando o professor compreende a ocorrência desses fatores torna-se mais fácil corrigir tais problemas sem considerar que o aluno seja ignorante ou incapaz de escrever de acordo com o que manda o padrão de nossa língua, mas que este, por ser um falante competente de sua língua, busca e emprega suas próprias regras internalizadas de uma gramática natural que rege seus contextos de fala, tenha ele ou não contato com uma linguagem mais cuidada com relação à gramática normativa.

### 3. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

A pesquisa foi realizada em turmas de 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> séries do ensino fundamental da escola Caic Helena Reis em Samambaia DF, turmas nas quais ocorre o processo de alfabetização, onde se pode observar como a fala influencia na aquisição da língua escrita.

Trata-se de uma escola localizada em uma região de periferia e, como tal, atende a uma clientela pouco privilegiada sócio-culturalmente. São, em sua maioria, crianças que não possuem um contato efetivo com a linguagem escrita no meio familiar. Para muitas delas o primeiro contato com o universo letrado se deu apenas quando ingressaram na escola.

Percebe-se então que a alfabetização para estas é uma tarefa ainda mais difícil do que já é para outras crianças que convivem com um ambiente rico em materiais impressos e, desde cedo, são ensinadas a perceber a importância da leitura e da escrita, mesmo por vivenciarem frequentemente situações em que a comunidade familiar faz uso de tal linguagem.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica através da qual foi possível conhecer o que dizem alguns estudiosos a respeito da complexidade do código escrito e das dificuldades que os educandos enfrentam ao se depararem com uma linguagem quase sempre nova, o código escrito.

Além da pesquisa bibliográfica, foi realizada entrevista com professores que atuam ou já atuaram com turmas de alfabetização, a fim de se obter opiniões acerca da influência da fala na aprendizagem do código escrito. Esses professores puderam relatar suas opiniões de forma bem espontânea, visto que não foi cobrado dos mesmos identificação. As entrevistas foram aplicadas aos professores individualmente a fim de que houvesse maior isenção nas respostas dadas, sendo estas frutos realmente da experiência de cada um dos profissionais participantes.

Foram realizadas atividades de escrita com crianças das séries citadas que ocorreram da seguinte forma: no primeiro momento foram realizadas atividades de escrita espontânea pelas crianças através de pedido de produção de textos livre. Essas produções serviram para que as crianças pudessem escrever de uma forma

bastante despreocupada para que se pudesse observar quais os mecanismos que estas empenham em sua escrita quando deixadas à vontade; em outra ocasião foram contadas algumas histórias e também pedido para produzirem textos. A intencionalidade neste caso foi perceber que marcas do estilo literário, com relação à oralidade, ficaram marcadas nos textos; outra atividade realizada consistiu em apresentar filmes e em seguida realizar a transcrição, também para analisar os traços da fala que seriam representadas na produção escrita. Observa-se que nessas duas últimas situações a criança já não está tão à vontade como na primeira. Inicialmente havia uma espontaneidade quase total, posteriormente já há um laço com algum elemento que foge de sua simples criatividade.

Foram também realizados testes psicogenéticos onde as crianças escreveram palavras isoladas e sem o auxílio de colegas, ou seja, momento em que elas puderam colocar em prática suas teorias acerca da escrita das palavras, mostrando suas idéias e impressões acerca da escrita.

Vale ressaltar que durante a produção textual, mesmo aquelas que exigem um certo respeito a uma história que se assistiu ou ouviu, a preocupação da criança está centrada em relatar sua narrativa, portanto a preocupação com a ortografia, ao menos nessa fase inicial do processo de alfabetização, fica em segundo plano, por isso torna-se mais fácil observar as marcas que a oralidade deixa na escrita do alfabetizando.

Este é um momento muito importante, é o momento em que o professor precisará ter sensibilidade para identificar o que pode ser considerado erro ou apenas transcrição fonética na escrita, cuidando para não desvalorizar o modo como os educandos falam, ou seja, não colocar sua linguagem como algo feio ou errado. Essa valorização ou desvalorização do falar do educando poderá despertar em si um sentimento de autovalor ou contribuir para que o mesmo desenvolva uma baixa auto-estima, dificultando assim o processo de ensino aprendizagem, isso porque a afetividade desempenha papel muito importante para o desenvolvimento humano. Na puberdade, por exemplo, a relevância da afetividade é muito grande, pois se começa a ter contato com condutas que colocam exigências de respeito recíproco, justiça, igualdade de direitos, etc. É um momento em que a opinião de outros é muito

considerada e uma desvalorização de sua linguagem, ou como ressalta Bagno, sua “identidade”, pode ter efeitos catastróficos.

Durante o processo de alfabetização as crianças desenvolvem inúmeras hipóteses a respeito da escrita, estas serão futuramente comprovadas ou rejeitadas. Uma dessas hipóteses, a da relação biunívoca entre sons e letras, causa muita confusão para o aluno durante o processo de alfabetização pois é difícil saber qual letra usar em cada contexto uma vez que nem sempre as letras representarão o som pronunciado na fala.

Quando o falar do educando é muito diferenciado da língua padrão essa dificuldade torna-se ainda maior visto que haverá ainda mais situações em que esta divergência se fará presente. Caso o professor não tenha compreensão desse fator ou, ainda, se o mesmo se deixar guiar por seus preconceitos considerando a linguagem de seu aluno errada, não será possível fazer intervenções capazes de auxiliar o aluno a construir um conhecimento sólido a respeito dos mecanismos de escrita.

Considerando a realidade em que essa escola encontra-se inserida, nota-se que na maior parte dos casos a fala dos alunos é sim bem diferenciada do que a gramática normativa considera correto, o que no caso dessa pesquisa torna um ambiente bem propício para a observação do fenômeno estudado, ou seja, o processo de aquisição da língua escrita.

#### 4. ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

De acordo com o que foi observado tanto na pesquisa bibliográfica quanto na observação direta dos alunos e relato de educadores, foi possível perceber que é de fato muito expressiva a influência da fala na língua escrita.

Os professores que contribuíram com sua opinião nessa pesquisa atuam em uma escola de periferia, ou seja, alunos com um nível socioeconômico pouco privilegiado, vindos de famílias com pouca escolarização ou, muitas vezes, não alfabetizados. Houve entre esses colaboradores uma certa divergência sobre a influencia desse fator social. Enquanto alguns consideram que o meio social seja importante, outros acreditam que essa influencia exista, mas não tenha tamanha relevância.

A observação entre as crianças mostra que alunos que tenham contato com material impresso demonstraram maior facilidade na escrita. Evidentemente esse contato com a leitura e a escrita é mais efetivo em meios socialmente mais privilegiados.

Eles relataram que uma das grandes dificuldades que enfrentam encontra-se justamente em encontrar meios de fazer com que os alunos assimilem a escrita de algumas palavras que causam um grande conflito por divergirem em sua escrita de sua pronúncia e esta tarefa torna-se mais complicada quando tal divergência passa a compor não apenas as palavras que naturalmente possuem diferenciação entre escrita e pronúncia, mas também aquelas que as crianças, por sua experiência oral, reproduzem de forma diferente do modo adotado pela gramática.

Ao escrever a palavra "acostumado", por exemplo, um aluno escreveu "acustumado", (ver anexo A) prova clara da presença da oralidade na escrita, afinal é assim que ele pronuncia tal palavra e, como já foi citado anteriormente, o alfabetizando acredita que haja fidelidade entre sons e letras. Nesse caso não é o correto o professor dizer que o aluno está falando errado, pois querer que os educandos pronunciem essa palavra, bem como inúmeras outras, da forma como escrevem é no mínimo insensato, para não dizer que é uma verdadeira arbitrariedade visto que a escrita é que é uma tentativa de representar os sons da fala e não a fala

uma mera imitação de regras criadas pelas gramáticas normativas que insistem em afirmar que falantes competentes da língua falem errado só por falarem uma variedade diferente daquela que os “iluminados” decidiram que deveria ser o modelo seguido por todos.

Como agir então?

A resposta a essa pergunta é bem simples, embora exija bastante do educador, uma vez que será necessário observar atentamente cada aluno, compreender como ele fala e quais os possíveis motivos desse “erro”, além de muita pesquisa para encontrar os melhores caminhos para guiá-lo nesse importante tarefa de mediador de conhecimento. Ao compreender, o professor deverá mostrar ao aluno, por meio dos mais variados instrumentos, que na língua portuguesa, essa mesma que ele já utiliza com muita propriedade em sua comunicação diária, a escrita não é tão fiel à pronúncia como deveria.

Alguns professores das classes de alfabetização consideram as marcas da oralidade presentes na fala como erros e relataram ainda que um dos problemas de ensinar a escrever em uma escola de periferia é o fato dos alunos não falarem direito por virem de um meio pouco privilegiado de uma cultura lingüística mais apurada. Essa visão é, à luz dos teóricos que embasam essa pesquisa, completamente contaminada de preconceitos. Pensamento meio elitista que considera que apenas as pessoas oriundas de camadas mais letradas sejam boas falantes do português. Sabe-se que isso é uma inverdade, as diferentes formas de falar devem ser compreendidas e não podem ser desvalorizadas para que o aluno não se sinta um “peixe fora d’água” no ambiente escolar. Essa postura preconceituosa impede que o professor trabalhe a aquisição da escrita de forma competente. Se o professor pensa que o erro está na fala de seu aluno, de certo não tentará mostrar que o problema na realidade está mesmo é nas regras da gramática normativa que permanece estagnada enquanto a língua falada mantém-se em constante renovação.

Muitos professores relataram na pesquisa realizada (ver apêndice), que não se lembram de terem estudado teorias que abordassem o tratamento adequado dado à fala durante o período da alfabetização. A ignorância de estudos que buscam comprovar a importância e o correto tratamento dado à fala durante essa importante

etapa da escolarização tende a prejudicar o educando que acaba por ver ridicularizado por alguns professores seu modo de falar, toda uma bagagem que vem de seu ambiente familiar. Como dizer que um aluno que produz um texto coerente e coeso, mostrando seqüência lógica e compreensão de paragrafação, “não sabe escrever” pelo fato desse aluno omitir em sua escrita as marcas de plural de algumas palavras ou grafar uma palavra em desacordo com a gramática normativa como acontece nesse exemplo que aparece em um texto de uma aluna da segunda série do ensino fundamental (ver anexo b): “*Era uma vez na Floresta encantada tinha muitos animais e bichos. eles brincava muito, eles até brigava mais os outros animais nem ligava por que eles já estava acostumados a briga”.*

O problema mais grave é que, ao se depararem com uma situação como essa, uma das primeiras atitudes dos professores é dizer para o aluno que ele escreve “tudo errado” ou, pior, que ele “não sabe falar”. Conseqüentemente esse aluno tenderá a perder o interesse pela escrita, o que é uma grande tragédia para a educação pois, se a criança já não vivencia situações de escrita em sua comunidade familiar, o que contribui para a criança não considerar a atividade de escrita muito importante, e ainda passa a considerá-la difícil, acreditando que não é capaz de dominá-la, não tem por que se dedicar a ela e tornar-se-á um escritor pouco competente, isso se não optar pela evasão escolar.

Várias alternativas de como agir diante do “erro” de escrita foram citadas pelos alfabetizadores, mas a que os mesmos mais adotam em sua prática é possibilitar situações de leitura e escrita onde os alunos possam ter contato com a escrita de determinadas palavras, sem contudo colocar a fala do aluno como errada e tendo muita paciência e compreensão para auxiliá-lo nesse processo tão complicado, propiciando agradáveis situações de escrita.

A produção escrita deve e pode ser uma atividade muito agradável e o professor deve zelar por isso se desejar que seus alunos sejam leitores competentes e tenham êxito em sua vida escolar. Ao corrigir de forma inadequada a escrita de uma criança, gera-se nela um enorme sentimento de incapacidade e vergonha de ter errado, por isso é tão importante que os professores saibam o caminho mais acertado de conduzir seus alunos à compreensão dos mecanismos da linguagem escrita.

A busca de temas de conhecimento dos alunos é uma boa alternativa nessa busca de auxiliá-los na construção de seu conhecimento lingüístico. Durante essa pesquisa pediu-se para os alunos de uma turma de segunda série produzir textos dizendo o que fariam se fossem os presidentes do Brasil, aproveitando a temática das eleições que se aproximam e aparecem a todo o momento na mídia. O resultado foi bastante produtivo, fazendo com que as crianças se interessassem pela atividade proposta e produzindo textos interessantes, apesar de certas construções em desacordo com a gramática (ver anexos c e d).

Confrontando os resultados obtidos na entrevista, na observação dos alunos e na pesquisa bibliográfica, percebeu-se que a influência da fala na aquisição da língua escrita é muito efetiva e deve não apenas ser considerada, mas pesquisada e compreendida por todos aqueles, educadores ou não, que pretenderem auxiliar na complicada porém gratificante tarefa de educar.

Percebe-se então que há muitos caminhos a seguir, mas que o mais importante é que estes conduzam à uma efetiva aprendizagem dos alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho consistiu em uma tentativa de, através de pesquisa de campo e bibliográfica, compreender como se dá o processo de aquisição da língua escrita nas turmas de alfabetização e como a fala influencia nesse processo, bem como uma boa formação do professor pode agir como facilitador desse processo ou atrapalhar seu andamento, tornando-o uma tarefa ainda mais árdua do que já é naturalmente.

Verificou-se que a fala deixa suas marcas na escrita dos educandos, sobretudo nos primeiros anos de alfabetização e que é necessário que os educadores busquem formas de auxiliarem seus alunos a compreenderem essa divergência existente entre a fala e a escrita, embora esta tente representar aquela.

Percebeu-se também que há em torno do trabalho com a língua uma série de preconceitos que acabam por influenciar no processo de ensino-aprendizagem e que precisam ser desfeitos a fim de que a educação atinja seus objetivos e cumpra sua função de diminuir as diferenças sociais e não, como acontece em muitos casos, de acentuá-la.

Sugere-se para esse fim que haja entre os profissionais de educação a compreensão da necessidade de conhecer a realidade em que estão inseridos seus alunos e também das particularidades que envolvem cada um desses indivíduos tão diferentes que precisam, dentro de um tratamento igualitário, terem respeitado suas peculiaridades, principalmente, quando o assunto é comunicação e habilidade de escrita, ter o respeito necessário para com sua bagagem lingüística, sobretudo seu modo de se expressar oralmente.

Os professores precisam, ainda, conscientizarem-se da importância e necessidade de estar em constante atualização, estudando e pesquisando para não prejudicarem a aprendizagem de seus alunos por serem ignorantes acerca de determinados fenômenos naturais no processo educacional, como é o caso da influência da fala na aquisição da língua escrita, ou, como se sabe que ocorre em muitas situações, pelo desrespeito à linguagem do aluno que é grotescamente considerada errada, feia ou inculta, quando, como foi ressaltado no presente trabalho de pesquisa, é apenas diferente do modelo adotado pela gramática normativa que tem

a função de tentar representar a fala de um povo e não, como consideram alguns, de ditar as regras a qualquer que seja a comunidade de fala.

Propõe-se que possam acontecer nas escolas discussões sobre esse assunto na tentativa de preparar melhor os professores, principalmente aqueles que atuam com turmas de alfabetização, para que possa acontecer uma interferência positiva na aprendizagem dos alunos atendidos e a educação possa tornar-se um pouco mais agradável para as crianças que verão respeitadas no ambiente escolar suas características e bagagem não apenas lingüística, mas cultural.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. **A língua de Eulália** 12 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Lingüística**. 10 ed. São Paulo: Scipione, 2003.

CASTILHO, A. T. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.

FRANCHI, Eglê Pontes. **Pedagogia da alfabetização – da Oralidade à Escrita**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

KATO, M. **A Concepção da escrita pela criança**. Campinas / SP: Pontes, 1998.

LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do Alfabetizador**. 11ed. São Paulo: Ática, 1995.

PINHEIRO, Ângela Maria Vieira. **Leitura e Escrita: Uma Abordagem Cognitiva**. Campinas / SP: Editorial Psy, 1994.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A: MODELO DE ENTREVISTA APLICADA AOS  
PROFESSORES DE TURMAS DE ALFBETIZAÇÃO.**

**Coleta de dados para análise em pesquisa científica – entrevista.**

Tempo de atuação em turmas de alfabetização: \_\_\_\_\_

- 1 Qual o nível socioeconômico dos alunos das turmas de alfabetização na qual você foi regente?

---

---

- 2 Qual a maior dificuldade que você encontra com relação á aquisição da escrita por seus alunos?

---

---

---

- 3 O nível socioeconômico e cultural dos alunos influencia em sua alfabetização? Em que sentido?

---

---

---

---

---

- 4 Em sua opinião, a fala influencia no processo de escrita?

---

---

---

---

- 5 Em que situações de escrita você acredita que a fala deixa mais marcas?

---

---

---

6 As marcas da oralidade presentes na escrita de crianças em processo podem ser consideradas erros? Justifique.

---

---

---

7 O que o professor deve fazer diante de erros de escrita provenientes de marcas da fala?

---

---

---

---

---

8 Você já estudou alguma teoria que aborda o tratamento dado à fala na aquisição da língua escrita? Em caso positivo, o que afirmava?

---

---

---


---

---

---

## ANEXOS

ANEXO A



*Que barana!  
Uma que se não  
me comida...*

Os animais na floresta

Era uma vez os animais na floresta  
Os animais gostavam de brincar até  
tinha umas briguinhas de macaco  
com a onça mas o galbete mesmo  
ligava por que eles já estavam acostumada  
com aquelas briguinha de animais.

É um dia apareceu um bicho muito  
estranho na floresta era os parentes do galbete  
e ai o galbete fez uma festa para receber  
seus parentes fez varias coisas como cachimbos  
pastéis refrigerante bolos de varias cores, balaíshas  
de varias cores foi uma festa inesquecível  
para os animais


Nome: Joséline

Data:



ANEXO C

Pedro



Si eu fosse o presidente do Brasil eu começaria  
o meu governo acabando com o desemprego,  
pois há sim não justiça mas fome  
no Brasil.

depois eu iria arrumar o salário  
dos professores, e das pessoas que limpam  
as escolas e as pessoas que cuidam da  
gente, quando a gente fica doente e vai  
quando eu voltar.

Que Deus ajude o presidente Lula  
para conseguir fazer tudo o que prometeu  
mas eu acho que vai ser muito  
difícil.

Nome: Pedro Mathias

ANEXO D



1 Era uma vez num país que tava em época de  
 2 eleição tinha muitos governados e presidente e era  
 3 chamar das presidente que estavam esperando o voto  
 4 dos pessoas.

5 E no outro dia via outra luta para vir o voto  
 6 das pessoas e que tinha acontecido eu tava tremendo  
 7 para vir o resultado mais só ia da no outro dia.

8 Mais tarde chegou no hora eu ouvi fala que eu  
 9 ganhei eu fiquei feliz falei que eu ia da trabalho  
 10 para todo mundo e que ajuda as organizações  
 11 saentes e cuidar da segurança do Brasil ia ainda  
 12 das escola do Brasil.

13 E também o algemato dos  
 14 velhinhos.

**FIM**

15 irro tudo  
 16 que eu fazer  
 17 o presidente  
 18 Rrrr yandra

yandra